

CAPÍTULO 3

A REDE INTEGRADA DE ESPAÇOS PÚBLICOS E SUAS CONEXÕES: UM ESTUDO DE CASO NA PRAÇA NEREU RAMOS, CRICIÚMA/SC

DOI: [http:// dx.doi.org/10.18616/plansus03](http://dx.doi.org/10.18616/plansus03)

Gabriele Obersteiner Scheibler Nunes

Teresinha Maria Gonçalves

VOLTAR AO SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A necessidade de espaços públicos, como praças, parques, ruas e calçadas de boa qualidade e com atrativos, é como um antídoto contra o isolamento das pessoas perdidas na multidão. E podemos nos remeter também não só aos espaços públicos, mas aos próprios espaços livres, que são entendidos aqui como qualquer espaço livre de construção ou ocupação territorial fixa e sólida, sendo de acesso público, coletivo ou privado, podendo ser formado por ruas, parques, praças, calçadas, pátios, jardins, lagos, praias e rios. Esses espaços livres, por sua vez, formam na cidade uma rede, conectada e diversa, com características singulares em cada cidade e em cada um desses espaços.

O direito à cidade clama pela questão da justiça e da igualdade. O desenho urbano, nessa perspectiva, não deveria ser desigual, no sentido de que o território da cidade acaba sendo dividido entre ricos e pobres ou periferia e centro, dentre outras desigualdades encontradas na cidade. Tanto o centro da cidade quanto a periferia deveriam possuir uma infraestrutura mínima que possibilitasse o exercício da civilidade, portanto, da cidadania. Essas são reflexões que levaram os pesquisadores a propor o tema e o objeto da pesquisa, a qual trata dos espaços públicos e da visão que os usuários têm deles como conectados.

A vida no espaço urbano, hoje, já é uma realidade para a maioria dos sujeitos. Dentro das cidades – as quais foram criadas pelos próprios seres humanos – é onde ocorre a maior quantidade de relações sociais e de conflitos (SOUZA, 2005). Porém, tais conflitos não podem ser diretamente relacionados a problemas, pois, conforme Lerner (2003, p. 61), “[...] a cidade também é o último refúgio da solidariedade. A cidade não é problema, a cidade é solução”. Além disso, as cidades podem ser definidas como “[...] espaços de interação em que as identidades e os sentimentos de pertencimento são formados com recursos materiais e simbólicos de origem local, nacional e transnacional” (CANCLINI, 2007, p. 153).

Souza (2005) define a cidade como uma centralidade econômica, também como um espaço de produção não agrícola, um centro de gestão do

território e um local onde as pessoas interagem e se organizam. Sennett (2003) relaciona as cidades a um corpo humano, cuja circulação do sangue pelas veias traz vida a ele; assim, da mesma forma como ocorre no corpo, as circulações e os movimentos nas cidades através de suas veias – como são chamadas por ele as ruas – trazem vida a elas. Desse modo, nas cidades, todas as partes são importantes, como um corpo funcionando ou não perfeitamente, não tendo um órgão principal, mas sim diferentes órgãos e sistemas trabalhando pelo todo.

Souza (2005) explica que o caos encontrado nas cidades de pequeno a grande porte não poderia ser muito diferente do que vemos hoje. As cidades crescem cada vez mais horizontalmente e verticalmente em paralelo com a produção e a exploração do território e a própria degradação ambiental, que, segundo o autor, em um país de regime capitalista em desenvolvimento, dificilmente aconteceria de outra forma, pois a tendência é cada vez produzir e consumir mais, gerando impactos na cidade. O autor ainda ressalta que a grande preocupação de estudiosos em relação à cidade não está no grande crescimento populacional urbano ou na própria expansão territorial nas áreas urbanas, mas sim no fato de a cidade ter sido percebida como um misto de satisfação e orgulho de um lado, e de frustração, medo e descontentamento de outro.

Por isso é interessante ressaltar que não somente as questões do trânsito ou da ocupação intensa do território são problemas ou geram caos urbanos, os quais estão em diversos pontos e podem ser encontrados principalmente no desequilíbrio do acesso à cidade, na desigualdade encontrada por todo o território e na ausência de escutar a cidade, ouvir suas peculiaridades, seus anseios, sem padronizações ou teorias que façam dela um espaço que não identifique seus moradores (JACOBS, 1961).

Tardin (2014) afirma que a paisagem urbana é fragmentada nos seus sistemas socioculturais, biofísicos e urbanos, sendo consequência da ocupação desordenada e da falta de um planejamento urbano coeso. Entre os principais motivos de a fragmentação urbana estar presente nas nossas cidades estão a falta de escutar os usuários da cidade; as construções de infraestruturas urbanas que pouco têm relação com o local em que se inserem; a presença de áreas

urbanas com tecidos que não são bem articulados com a cidade; a insuficiência de espaços livres públicos; e a existência de áreas de preservação as quais não se articulam com a cidade (TARDIN, 2014), mas que poderiam ser potencializadas inclusive para uma educação ambiental e um maior cuidado da população em relação àquele espaço.

Dessa forma, com uma cidade fragmentada, a tendência é a ocupação máxima das áreas livres, pouco cuidado com as reservas naturais e o isolamento de comunidades, as quais estão pouco articuladas com a rede urbana da cidade.

Achselrad (2001) fala sobre a construção ideal de uma cidade, que seria contínua e não fragmentada, com um conceito de espaço-tempo homogêneo o qual atenderia à circulação livre de bens materiais e imateriais.

Na cidade de Criciúma, que, atualmente, conta com 45 unidades registradas de espaços públicos (praças) (CRICIÚMA, 2012), é necessária uma análise que compreenda a qualidade desses espaços, bem como a conexão urbana que há entre eles, por meio da visão do usuário. Assim, pode-se analisar uma maneira de oferecer qualidade aos espaços existentes e propor a implantação de novos espaços públicos.

O que torna a rede – ou o conceito dela – importante para a pesquisa é o significado de interligação de um todo (DIAS; SILVEIRA, 2007), o qual é formado por partes menores, interligadas e vívidas como um conjunto sobre um território determinado, que, neste estudo, está definido pelo território de uma cidade.

A cidade de Criciúma tende a um estilo de vida cada vez mais urbano, pois cresceu muito nas últimas décadas devido à migração de um grande número de pessoas em busca de novas oportunidades por causa do carvão e, hoje, graças às indústrias e ao comércio. Por consequência, geraram-se muitos conflitos de planejamento devido ao fato de a expansão urbana não ter sido esperada/prevista e de as gestões não terem dado conta de um planejamento que controlasse ou remanejasse alguns sistemas para melhorar a qualidade de vida. Diante do crescimento desordenado, aliado a certo descaso com o planejamento urbano na cidade, nota-se a deficiência na qualidade e na quantidade de espaços públicos, bem como em relação aos equipamentos urbanos aliados a eles.

Como ressalta Jacobs (1961), os técnicos que atuam no planejamento urbano agem de acordo com o conhecimento técnico adquirido e as teorias que os acompanham, muitas vezes não observando a cidade de perto, com o olhar humano, nem as suas características, aquelas que não podem ser vistas por meio de mapas e estatísticas, pois a realidade urbana está em constante desalinhamento (ANDRADE; LINKE, 2017).

Souza (2005) relata que a frase “falta de planejamento urbano” não seria a melhor descrição do planejamento urbano no País, mas cita que é necessário mais planejamento e um melhor planejamento urbano. Perante essa questão, o autor considera que devem ser analisados os seguintes itens: 1) as dificuldades técnicas do planejamento podem ter outras causas, como econômicas, institucionais e culturais, as quais transcendem a questão meramente do próprio planejamento urbano; 2) é necessário saber se há técnicos e planejadores capacitados acompanhando esse desenvolvimento nas cidades; e 3) a questão da equipe de planejadores, a qual faz parte de um corpo e de um serviço e depende de recursos públicos e do contexto no qual está inserida, visto que, muitas vezes, essas instituições possuem mais interesse no dito crescimento econômico do que na questão do desenvolvimento socioespacial (SOUZA, 2005).

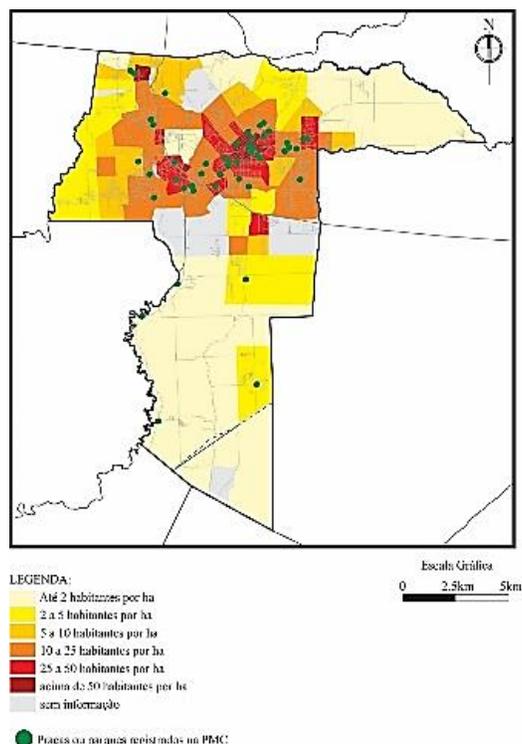
Aliada a essa situação referente ao meio físico, temos também um baixo grau de urbanidade no sentido de que a cidade não privilegia a escala do pedestre, mas sim a dos veículos. Ainda, a arborização não é valorizada no centro da cidade, pois contraria os interesses dos comércios por “esconder”, segundo eles, as suas placas.

As calçadas na área central e principalmente na periferia da cidade não dão condições para a população caminhar ou transitar com segurança, gerando medo aos usuários, principalmente às pessoas com mobilidade reduzida. Sabe-se que esses caminhos são de responsabilidade dos proprietários dos lotes privados, mas por que isso ocorre com elas se as ruas (para os carros) – locais onde também há trânsito, seja de veículos, seja de pessoas – são de responsabilidade pública?

Deveria ser dada a mesma prioridade dos veículos para as calçadas, pois toda a população, além de circular em um veículo, também é pedestre e circula pelas calçadas. Entende-se que a vida pública ocorre principalmente nelas e nos espaços públicos, então, por esse motivo, as calçadas deveriam ter uma atenção muito maior que a aplicada às ruas.

As praças e parques da cidade são distribuídos principalmente nas áreas mais adensadas, conforme apresentando na figura 1, havendo pouca ou nenhuma unidade nas áreas periféricas. O que é justificado, de certa forma, pelo fato de determinada área possuir mais necessidade desses espaços devido à quantidade de pessoas que ali vivem e circulam.

Figura 1 – Esquema de adensamento em Criciúma, por bairro, e os espaços públicos



Fonte: Nunes (2019, p. 24).

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na modalidade qualitativa, cujo método utilizando foi o estudo de caso, e ocorreu conforme a estratégia metodológica descrita a seguir. O principal método de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, a qual foi realizada com os usuários do local estudado, e também a observação sistemática em local determinado. Para atingir o objetivo proposto, que foi analisar a rede de espaços públicos de Criciúma/SC, com foco na conexão e na otimização desses espaços, tendo como base a percepção do usuário, foram realizadas as seguintes etapas metodológicas: escolha do local da pesquisa; estruturação do trabalho de campo; pesquisa de campo; organização dos dados e, por fim, análise e discussão dos dados coletados.

O ponto de estudo, a Praça Nereu Ramos, é um local marcante para a história de Criciúma, pois foi onde iniciaram os primeiros comércios e também o ponto de encontro entre a linha férrea e algumas estradas importantes da época que ligavam localidades próximas (BALTHAZAR, 2001).

Essa área se destaca no contexto urbano pelo fato de possuir a concentração de diversos tipos de serviços, como comércios, instituições financeiras, escritórios, alimentação, hospedagem, atividades culturais, etc. Sendo assim, é um lugar onde acontecem muitas trocas sociais (BALTHAZAR, 2001) e grande parte das funções urbanas (PINTO; REMESAR, 2012). Conforme é descrito por Balthazar (2001, p. 63), “[...] junto à Praça Nereu Ramos e áreas próximas está localizada a parte mais antiga da cidade. Ali se estabeleceu o vigor do comércio no início do século, expandindo-se para o restante da área”.

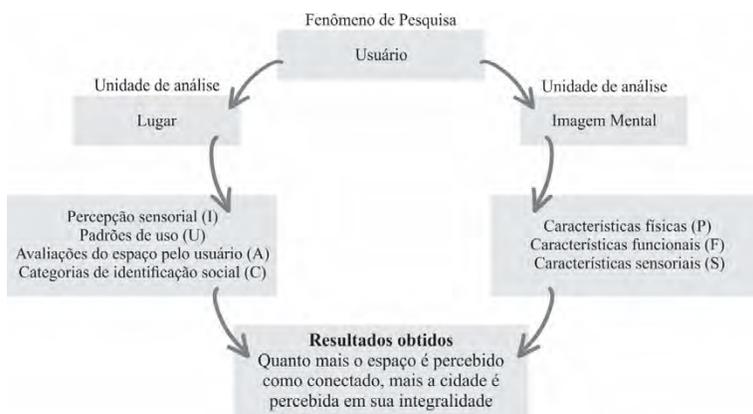
Dessa forma, a Praça Nereu Ramos é um local de identidade cultural, social e histórica muito relevante para os moradores da cidade e arredores, o que a torna essencial para o estudo de uma rede de espaços públicos, sendo ela um dos principais espaços públicos reconhecidos na cidade. Escolhida para este estudo por ser um espaço dinâmico, de fácil identificação dos usuários e com característica de centralidade na cidade, nela também é possível encontrarmos uma maior diversidade de usuários devido à grande concentração de comércios e serviços, que atraem a população da cidade e da região. A centralidade determinada para a pesquisa foi definida por meio de alguns critérios

– maior fluxo de comunicação e de transportes nessa região; maior concentração de serviços de saúde, educação e comércios; e maior concentração de espaços públicos –, os quais definem, por sua vez, uma área central e de mais importância para a população.

Os dados coletados para a pesquisa foram obtidos de fontes primárias e secundárias. As primárias foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns frequentadores da Praça Nereu Ramos e de observações das dinâmicas nesse espaço. As fontes secundárias foram colhidas por meio de pesquisas realizadas na Prefeitura Municipal de Criciúma e em bancos de dados especializados na temática da pesquisa. Foi realizada pesquisa bibliográfica em livros e em base de dados virtuais por meio da bibliometria nas seguintes bases: *Scopus*, *Science Direct*, *Web of Science* e *Scielo*.

Para atingir o objetivo da pesquisa, foi realizada, durante o dia, a observação dinâmica do espaço onde os usuários foram entrevistados, a qual foi transcrita em diário de campo, tendo como fenômeno de pesquisa o usuário e como unidade de análise o lugar, com suas características citadas pelos usuários, conforme demonstrado na figura 2, baseada na metodologia de Nikšič e Watson (2017).

Figura 2 - Quadro conceitual do estudo



Fonte: Nunes (2019, p. 62), baseada e adaptada de Nikšič e Watson (2018).

Explicita-se aqui o fenômeno de pesquisa – o usuário – como um sujeito que possuía uma experiência com o lugar analisado, a qual foi entendida como maneiras diferentes de as pessoas enxergarem a realidade (TUAN, 1983).

A estrutura utilizada para a análise de lugar compreendeu as características físicas, funcionais e sensoriais e baseou-se em Montgomery (1998) por ele representar uma junção dessas três características.

A percepção sensorial trata da forma como indivíduo sente ou entende determinado espaço, que pode emergir de diversas maneiras para os sentidos humanos. Os padrões de uso são aqui entendidos pelas atitudes e atividades exercidas pela maioria da população, por aspecto determinado de alguma característica do lugar, que pôde ser observado por meio das entrevistas realizadas com seus usuários. As avaliações do espaço foram analisadas a partir da perspectiva do usuário, como ele avaliou o local, gerando avaliações com resultados positivos e negativos. Já a categoria de identificação social tomou como base as informações que definiram o usuário demograficamente (NIKŠIČ E WATSON, 2017), como gênero e idade, entre outras, as quais puderam justificar ou exercer influência sobre as percepções dele.

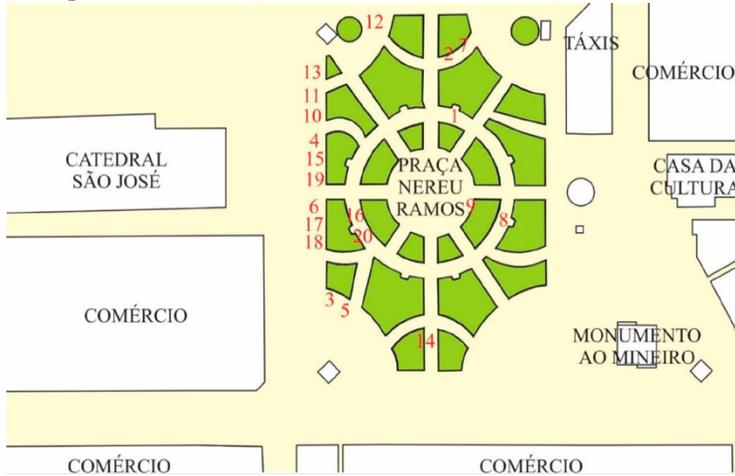
A imagem mental aqui se define como uma imagem formada no mundo interior, a qual se trata de uma junção de memórias com sensações do sujeito (LYNCH 2017) e que é utilizada para interpretar o espaço e definir as ações humanas sobre ele, bem como o modo de definir o próprio espaço (TUAN, 1983), sendo uma forma de interpretação pessoal (NIKŠIČ; WATSON, 2017).

A função ou característica funcional do espaço foi baseada no conceito de Montgomery (1998), pelas atividades ou usos de determinado local, sua dinâmica e as atividades ali exercidas. A forma ou a característica física do espaço é aqui apresentada com base em Sennett (2003), o qual afirma que os espaços físicos são definidos por sua própria morfologia, pelo traçado urbano, pelas edificações, pela paisagem natural, pelos caminhos, pelas ruas e pelos espaços públicos. Já o significado ou as características sensoriais estão ligados a questões de atribuição pessoal ou coletiva de determinado espaço por meio da significação.

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada a observação sistemática, que seguiu a seguinte dinâmica: durante o período de três dias, o pesquisador se envolveu com o principal espaço público pesquisado, ou seja, a Praça Nereu Ramos, situada no centro da cidade de Criciúma. A observação se deu pelo caminhar, pelo sentar-se no banco da praça e pelo observar objetivamente e intuitivamente tudo o que ocorreu naquele espaço durante o período da pesquisa. Observaram-se, assim, as construções, as pessoas em geral, os passantes, os que ficaram no local e os que interagiram, bem como a relação dessas pessoas com os equipamentos sociais, como a igreja, o *shopping*, o terminal central e as ruas, com uma atenção especial para as falas das pessoas durante a observação e no intervalo das entrevistas. Durante aquele momento, o pesquisador procurou se aproximar da dinâmica do local para uma melhor relação com as pessoas que nele estavam, observando o lugar como unidade de análise, mas tendo como fenômeno de pesquisa o usuário, conforme demonstrado na figura 2.

Percebeu-se, durante os dias de entrevista, que mesmo o pesquisador circulando por toda a Praça, tanto nos arredores de seu desenho quanto na parte interna do jardim, a maior concentração de pessoas dispostas a responder às entrevistas estava próximo à igreja, o que correspondeu a mais da metade dos entrevistados, como um padrão de uso, como pode ser visto na figura 3. Além disso, durante as suas falas, muitos dos entrevistados relataram ser a igreja o elemento que mais lhes chama a atenção naquela área, olhando-a com admiração, o que corrobora a fala de Jacobs (1961) quando a autora diz que um edifício é capaz de significar um espaço vazio e também de afastar ou aproximar pessoas de determinado espaço público, o que muitas vezes aconteceu próximo à Catedral São José, a qual demonstrou ser um espaço atrativo para as pessoas. Em outros lados da Praça, também havia uma grande circulação de pessoas, mas, diferentemente do que se viu nos arredores da igreja, a maioria delas estavam de passagem ou conversando com outras, o que dificultou a sua adesão à entrevista.

Figura 3 – Esquema da localização dos entrevistados na Praça Nereu Ramos



Fonte: Nunes (2019, p. 93).

Para estruturar a coleta de dados primários da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com estruturação conforme demonstrado na figura 2, tendo como fenômeno de pesquisa o usuário, e como unidade de análise a sua imagem mental, baseada na metodologia de Nikšič e Watson (2017). Foram então tabelados os resultados das entrevistas, conforme tabela 1, para que fosse possível perceber quais características, na perspectiva do usuário, levam um espaço a ser mais conectado na formação de uma rede de espaços públicos.

Tabela 1 - Quadro conceitual de avaliação dos espaços pelo olhar do usuário

	Características físicas (P)	Características funcionais (F)	Características sensoriais (S)
Fatores que tornam esse espaço <u>entendido ou não</u> como uma rede	Itens citados pelos usuários	Itens citados pelos usuários	Itens citados pelos usuários

Fonte: Nunes (2019, p. 64) baseada em Nikšič e Watson (2018).

O coletivo da pesquisa foi composto por 20 pessoas, todas maiores de 18 anos, as quais estavam circulando pela praça, usufruindo do ambiente ou apenas de passagem, e aceitaram colaborar na realização da pesquisa. A abordagem foi feita seguindo os princípios do Comitê de Ética da UNESC/ PLATAFORMA BRASIL. Esse coletivo poderia ter sido aumentado dependendo do nível de saturação, o qual é entendido quando as respostas das perguntas começam a ser repetitivas, garantindo, segundo Trujillo (2001), a representatividade da amostra.

Sendo uma entrevista semiestruturada, buscou-se a resposta para as três linhas de questionamentos, utilizando-se algumas perguntas para gerar aproximação do entrevistador com o entrevistado, bem como também perguntas adicionais, conforme o andamento da conversa. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, todos os dados mencionados nas falas acabaram sendo importantes para os resultados obtidos, possibilitando que fosse efetivada uma série de perguntas estruturadas, a saber:

1ª unidade – Percepção do Espaço Público

Qual a sua idade? Que bairro você mora? Há quanto tempo vive em Criciúma? Com que frequência você vem à Praça? Por qual motivo você vem à Praça? Você gosta desta Praça? Por quê? E o que mais gosta? O que menos gosta? Para você, a Praça vai até aonde? Por que a Praça faz parte do seu roteiro? Qual o seu caminho mais comum por aqui? Você se sente seguro andando aqui?

2ª unidade – Relação dos espaços circundantes

Qual espaço, aqui ao redor, que você acha ser mais fácil de ir? Por quê? E qual espaço aqui próximo você menos gosta de ir? Por quê? Onde você mais gosta de ir na cidade? Por quê? Fica próximo à sua casa? O que você mais gosta nesse espaço que você mais gosta de ir? Qual a praça ou o parque que você mais gosta na cidade? E qual que você mais frequenta?

3ª unidade – Percepções do usuário

Onde você passa a maior parte do seu tempo? E aqui na Praça, onde você passa a maior parte do tempo? Aqui onde estamos agora, se você fosse

tirar uma foto, do que ou qual posição seria essa foto? Aqui onde estamos agora, qual som você mais escuta? E se você estivesse no lugar que mais gosta, qual som você mais ouve lá? E qual cheiro você sente aqui na Praça? E se você estivesse no lugar que mais gosta, qual cheiro você sentiria lá?

As respostas verbais foram transcritas em ferramenta *Word* para análise de dados comuns e melhor manuseio das informações. As estatísticas foram elaboradas em ferramenta *Excel* (NIKŠIČ; WATSON, 2018). Para a análise, foi elaborado um mapa conceitual de autores que tratam das questões descritas no referencial teórico, o que auxiliou na compreensão de alguns parâmetros analisados. Sendo assim, além de observar onde cada usuário percebeu o espaço da Praça, tornou-se imprescindível entender que elementos levaram esse indivíduo a tal percepção, sendo utilizados então os conceitos presentes no referido mapa conceitual, conforme apresentado na figura 4.

Figura 4 - Quadro conceitual para análise dos dados coletados nas entrevistas



Fonte: Nunes (2019, p. 68).

Desse modo, estando transcritas cada uma das entrevistas conforme os conceitos, foram extraídas de suas respostas os parâmetros que levaram/levaram cada usuário a entender o espaço conectado ou não. Também foi utilizada a ferramenta CAD em alguns casos, conforme os espaços citados pelos usuários, para a sobreposição de informações obtidas ou informação individual, o que facilitou a geração de esquemas. As observações feitas no local foram anotadas no diário de campo para que fosse possível serem relacionadas com os resultados e possíveis questões para discussão. Com base nessas análises, por meio da semelhança de percepções, foram geradas algumas imagens comuns de rede de espaços públicos com suas características na imagem mental dos usuários.

RESULTADOS

Com fundamento na teoria de Whyte (1980), o qual afirma que a observação do comportamento humano é essencial para atender às necessidades dos sujeitos, inicia-se a apresentação dos dados observados no local, que é a Praça Nereu Ramos, conforme metodologia aplicada. Assim, durante o período de três dias não consecutivos, juntamente com a realização das entrevistas, as quais compreenderam o universo de 20 pessoas, também foi observada a dinâmica da Praça e de todos os usuários que nela estiveram.

Como fatores sensoriais analisados durante as entrevistas e nas observações do local, foi possível perceber que a Praça pode ser um misto de apropriação e de total utilização com o efeito somente de passagem, por um lado, e/ou de caminho rápido em um espaço que parece estar ocioso em meio ao centro da cidade, por outro. Em alguns casos, há pessoas que até instalaram/instalam ali seus pequenos comércios ou que passam o dia vendendo seus produtos, caminhando pela praça e por seus arredores. As pessoas que pareceram mais apropriadas àquele lugar demonstraram estar à vontade, como se já fizessem parte do espaço e conhecessem muita gente que passou por ali como uma atividade cotidiana. Para esse grupo, percebeu-se, de certa forma, uma maior cordialidade naquele espaço, uma corresponsabilidade perante o espaço público (ROLNIK, 1995), a qual foi percebida nas suas conversas e atitudes e até por meio das observações que fizeram em suas entrevistas.

Os sujeitos que pareceram não estar apropriados ou mesmo percebendo a praça, segundo a própria fala deles e observação de outros, dificilmente param ali por algum motivo, parecendo estar sempre correndo atrás de algo e com as mentes totalmente desligadas do espaço em si. Além disso, a maioria geralmente anda com o celular na mão ou no ouvido. Muitos que foram solicitados a responder aos questionamentos estavam esperando parentes ou amigos enquanto faziam suas compras ou pagavam alguma conta e até se mostraram apressados para responder aos questionamentos, mesmo se mostrando solícitos na hora de aceitar participar ou não da entrevista.

Muitos usuários apontaram em suas falas algumas dificuldades presentes em atividades simples daquele espaço público como se sentar na Praça, por exemplo, devido aos poucos bancos existentes, o que acabou por distorcer um pouco a questão da percepção daquele espaço como um todo, gerando um dado específico que não fazia parte do objetivo da pesquisa. A conexão dos espaços foi percebida principalmente por meio dos locais em que se sentem bem e por onde gostam de andar. A maior parte dos entrevistados relatou gostar de andar pela Praça, mas somente por ter uma atividade específica a aguardando. Também contou que talvez nunca teria ido àquele espaço se não fosse necessário, ou seja, por causa de alguns serviços próximos a ela ou do próprio trabalho. No entanto, alguns perceberam o miolo da praça em si como um local agradável para estar e permanecer por um curto espaço de tempo.

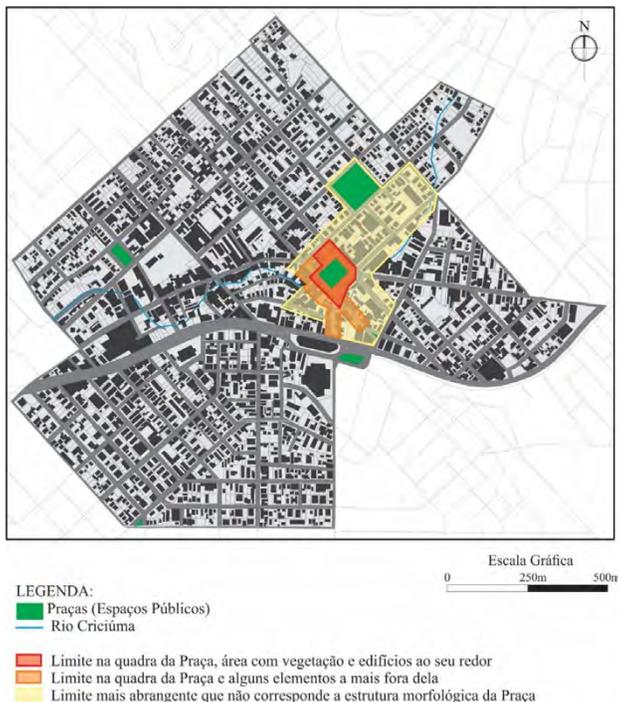
Nas avaliações gerais, pôde-se perceber que os sujeitos não citaram a Praça Nereu Ramos como um espaço de lazer ao qual gostariam de ir. Citaram outros existentes na cidade, mesmo não os percebendo como conectados com outros lugares, como no caso do Parque das Nações, que foi mencionado por mais da metade do universo dos entrevistados como o melhor espaço público da cidade, ao mesmo tempo o associando, em algumas das respostas, ao *shopping center* que fica no seu entorno, ou seja, o espaço público foi vinculado ao espaço privado de consumo. Avalia-se que mesmo os usuários não citando a Praça onde foram entrevistados como o espaço do qual mais gostam, eles conseguiram perceber a sua conexão com alguns espaços próximos e avaliar esse tipo de conexão.

Muitas características comuns aos usuários foram percebidas, relacionando quase que diretamente a identificação social do sujeito. Muitas mulheres acabaram se isolando das áreas onde havia muitos homens, inclusive isso ficou muito claro em suas falas. Pessoas da mesma faixa etária demonstraram tender a se aglomerar entre si e até a conversar com desconhecidos, o que dificilmente foi visto acontecer com pessoas de idades ou sexos diferentes.

Para melhor compreensão do resultado da pesquisa, é necessário tratar a respeito de uma imagem pública (LYNCH, 2017), que é uma amostra dos resultados com maior semelhança, conforme a metodologia aplicada. Para isso, foi elaborado um desenho conforme a descrição aproximada dos limites do espaço público da Praça Nereu Ramos, os quais foram divididos em três e sobrepostos com um contorno para cada resposta comum dos usuários entrevistados. Dessa maneira, pôde-se perceber uma imagem comum aproximada do que a maior parte das pessoas entende como espaço público conectado, podendo ela ser relacionada posteriormente a outros parâmetros.

Na figura 5, onde foram sobrepostas as informações de quais seriam os limites da Praça Nereu Ramos, percebe-se uma incidência maior (vermelho) nas respostas que abrangeram o quadrado da Praça e o calçadão que a acessa, o que pode estar relacionado às características físicas mais citadas, as quais tratam da prioridade do pedestre e da vegetação juntamente com a sombra gerada. Como o item das características físicas (P) foi certamente o mais citado entre os elementos que fizeram o usuário entrevistado perceber esse espaço como conectado, entende-se também que a produção desses elementos no espaço pode ser utilizada como diretriz para o planejamento urbano e de espaços públicos. Assim, agindo como intervenções que auxiliam no entendimento de um espaço mais conectado e de fácil acesso, esses elementos podem ser uma ferramenta indispensável no planejamento urbano e em projetos de espaços públicos, conforme dados levantados nas entrevistas.

Figura 5 - Esquema do bairro Centro com destaque para as áreas de percepção dos usuários dos limites da Praça Nereu Ramos



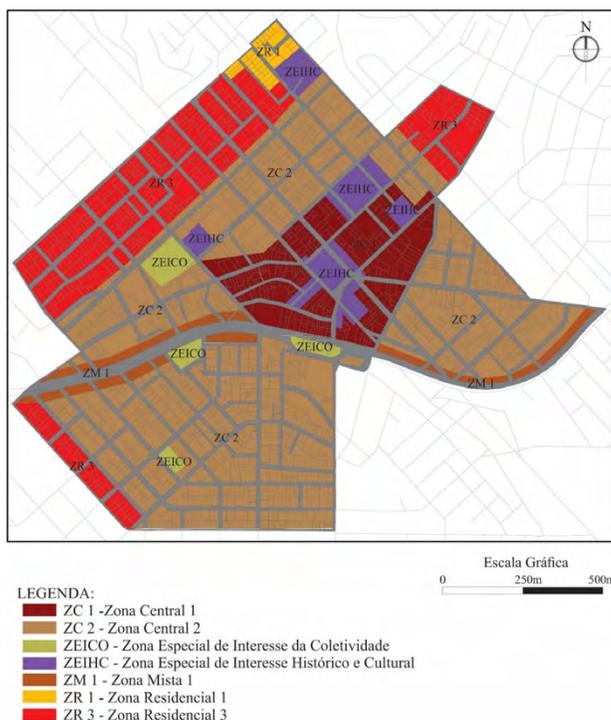
Fonte: Nunes (2019, p. 122).

O atual plano diretor de Criciúma tem seu zoneamento definido, conforme demonstrado na figura 7, delimitado pelo recorte do bairro Centro.

A Praça Nereu Ramos se encontra em uma zona definida no atual plano diretor como zona especial de interesse histórico-cultural (ZEIHC), a qual é cercada pela zona central 1 (ZC 1), que, segundo a Lei do Plano Diretor Participativo, define a área da praça e seu entorno imediato: “Art. 151. Zona Especial de Interesse Histórico-Cultural (ZEIHC): destinada à proteção e preservação do patrimônio ambiental cultural, abrangendo edificações ou conjuntos de edificações de valor arquitetônico e histórico” (CRICIÚMA, 2012, p. 49). Isso que sugere já uma delimitação de usos no local, bem como uma

exigência de aprovação prévia dos órgãos públicos para alterações em edifícios e a implantação de novos usos. Essa área, apesar de delimitada, restringe-se à boa parte das fachadas que emolduram a praça, mas não a todas elas, pois em alguns pontos da zona central há edifícios históricos locados, os quais se destinam a outros objetivos, conforme consta no artigo 141, inciso I, do Plano Diretor Participativo (CRICIÚMA, 2012, p. 45), que assim define a zona central 1: “[...] zona que corresponde ao núcleo urbano inicial do Município. Caracteriza-se pelas condições físicas e de infra-estrutura [sic] desfavoráveis à ocupação intensiva, predominando as atividades comerciais e de serviços, cuja área pública é destinada preferencialmente aos pedestres”.

Figura 6 – Esquema do bairro Centro com suas zonas conforme Plano Diretor



Fonte: Nunes (2019, p. 124).

É importante a delimitação nessas áreas para que haja a conservação de edifícios históricos, e avaliação de usos no caso da zona central também; porém, em alguns casos, não há a adequação necessária para os novos estabelecimentos, o que mexe com as características originais e já consolidadas de determinado edifício.

Como incentivo para um uso que compreenda diferentes atividades em edifícios públicos ou privados, seria possível fazer com que esse espaço fosse efetivamente utilizado durante períodos em que hoje é esquecido, aumentando assim a sua dinâmica em outros horários. Como acontece em cidades turísticas como Cusco, no Peru, onde todas as edificações nos arredores da Praça são mantidas com suas características originais, sendo utilizadas durante o dia como comércio local (térreo) e durante a noite como restaurantes, bares ou museus, os quais funcionam até a madrugada (segundo ou terceiro pavimento). Ao aumentar a sua dinâmica, as pessoas são chamadas a estar nesses locais, cujos espaços, mesmo precisando de um incentivo privado, agregam valor à Praça devido ao fato de as pessoas estarem conhecendo as suas bordas e observando detalhes e edifícios que, na maioria das vezes, nunca tinham sido observados ou vivenciados.

E, juntamente com a observação dos usos, fazer com que seja cumprida a delimitação da zona central, a qual ressalta que esse espaço deve ter área pública destinada preferencialmente ao pedestre, qualificando ainda mais o espaço público e as suas conexões, visto que o espaço com prioridade ao pedestre também é visto como um elemento que conecta os espaços públicos.

A compreensão mais abrangente dos usuários em relação ao espaço público da Praça foi definida, na maioria dos casos, pelos espaços que são de uso cotidiano dessas pessoas ou facilmente reconhecidos por elas devido a alguma memória sua desse lugar.

O planejamento pode ajudar a reverter a fragmentação do tecido urbano nas cidades, pois a reestruturação dos sistemas por meio de um planejamento coeso, utilizando-se os espaços públicos como sistemas principais e estruturantes dessa ocupação urbana, traria mais qualidade às dinâmicas da cidade – social, cultural, física, urbana e biológica (TARDIN, 2014).

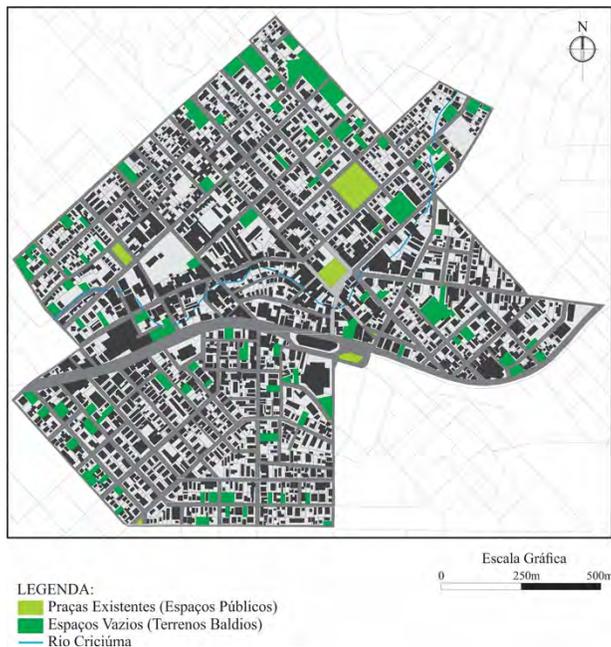
Para que haja uma melhor relação com determinado espaço, as pessoas precisam se locomover sobre ele, criando memórias e reconhecimento do local (LYNCH, 2017), mas, para isso, torna-se necessária a criação de espaços que priorizem os pedestres. Com o fornecimento de novos espaços públicos, a demanda automaticamente aumenta, chamando as pessoas. E, quanto mais pessoas em determinado local, mais pessoas são incentivadas a estar nele por causa dessa dinâmica (GEHL, 2013). Isso sugere então a criação de mais espaços públicos e a qualificação das conexões entre eles, fazendo com que sejam entendidos como conectados. Para atingir essa proposta, podem ser aproveitados locais vazios na cidade, como os terrenos baldios, por exemplo, que são espaços potenciais para a criação de novos ambientes públicos ou até mesmo de algum tipo de equipamento público que conectará cada vez mais espaços em rede, qualificando-os pontualmente e regionalmente para gerar resultados na cidade como um todo.

Pode-se pensar também em um planejamento anterior à ocupação do espaço urbano, fazendo com que este tome por princípio os espaços livres para a implantação de espaços públicos, o que tornará a cidade mais equilibrada, pois os assentamentos urbanos futuros já possuirão um espaço delimitado para eles, não dependendo só da lei para serem implantados em determinado local, mas sim de um planejamento predeterminado. Por meio desse planejamento, a cidade conseguirá resguardar o espaço que precisa ser preservado – Áreas de Proteção Permanente (APPs) ou Áreas de Preservação Ambiental (APAs) –, fazendo com que as pessoas também sintam que é seu dever zelar por esse lugar e não fazer com que qualquer ocupação indevida possa se assentar nesse espaço e esperar que alguma lei resolva a situação, o que ocorre todos os dias nas cidades brasileiras. Uma estrutura ou reestruturação urbana que ocorre a partir dos espaços livres legitima ainda mais a importância desses espaços e a criação natural de espaços públicos que qualificam ainda mais o espaço urbano.

Na figura 7, são apontados os espaços públicos existentes e também destacados os espaços livres (lotes), sem ocupação/construção existente até o momento. Sugere-se que também sejam estudados esses espaços no futuro,

que mesmo sendo de posse privada poderão ser adquiridos e utilizados para a implantação de espaços públicos como um benefício para as quadras próximas e para a própria rede como um todo.

Figura 7 – Esquema do bairro Centro com edificações e espaços públicos existentes, contrastando com terrenos vazios



Fonte: Nunes (2019, p. 125).

Além da implantação desses espaços, é necessário também qualificar a conexão entre eles, priorizando o pedestre, utilizando a vegetação, fazendo caminhos mais largos e acrescentando elementos que os identifiquem por suas características físicas. Também que tenham um mobiliário urbano característico no qual possam acontecer encontros, fazendo com que as pessoas se sintam atraídas por eles, por suas calçadas e pela presença de outras pessoas

(GEHL, 2013), incentivando a dinâmica e também criando os olhos das ruas (JACOBS, 1961).

Tratar as calçadas como prioridade nessa área é também cumprir o que propõe o plano diretor da cidade para a zona central, qualificando ainda mais esse espaço e suas conexões. Ressalta-se que em cada localidade há sempre uma experiência diferenciada, assim, o que ocorre na área central da cidade onde foram feitas as entrevistas é diferente do que pode ser encontrado em outras localidades, por isso que ao se pensar o planejamento urbano de algum espaço é necessário que sejam ouvidos os seus usuários.

Com o possível aumento do espaço para os pedestres ocorrerá a diminuição da faixa destinada ao automóvel, priorizando a circulação de pessoas. Para o automóvel, podem ser empregadas medidas que diminuam a velocidade nessa região, devido a um grande número de relatos na pesquisa que demonstraram medo em relação ao movimento intenso de veículos, melhorando assim também o fluxo dos pedestres.

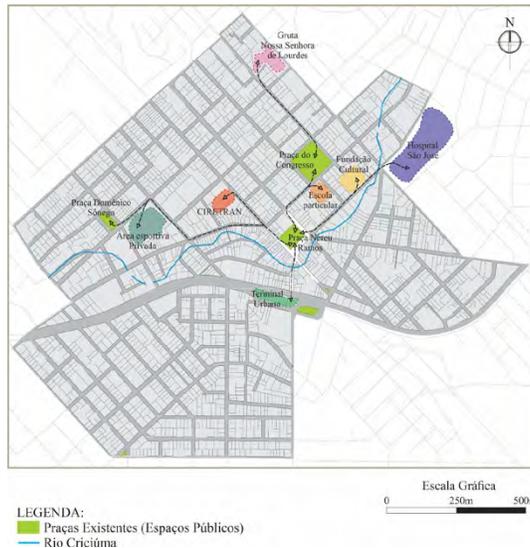
Além das respostas dadas pelos usuários, é importante serem ressaltados alguns equipamentos de uso coletivo, público ou particular, e outros espaços que poderiam ser entendidos como uma rede, formando conexões entre a Praça Nereu Ramos e outros locais. Na figura 8, são demonstrados esses espaços, associados às falas dos usuários e a experiências vivenciadas pelo pesquisador, buscando estimular novos espaços para que eles se conectem com o espaço público da Praça Nereu Ramos, bem como com outros locais mais próximos, criando uma rede em todo o território da cidade.

A conexão entre o espaço público da Praça Nereu Ramos e outros locais tem como limite muito expressivo a Avenida Centenário, por ela ser uma barreira física e pela dificuldade de transpô-la a pé ou mesmo de carro. Por causa disso, a maior parte das conexões claras da Praça é feita tendo como limite a própria Avenida e o Terminal Urbano Central, que por ser muito utilizado por aqueles que transitam na área central é um elemento facilmente reconhecido como conectado com a Praça Nereu Ramos. E ele também acaba

fazendo a conexão entre os dois lados da Avenida, possibilitando muitas conexões com a parte sul da cidade.

O Hospital São José, muito citado pelos usuários e também observado no local, também é um espaço de grande conexão por ter em seu entorno muitos serviços médicos e ambulatoriais, o que leva muitas pessoas que precisam desses serviços a utilizarem a Praça. Visualmente, é um eixo facilmente reconhecido pela população e já possui claramente características hospitalares, farmacêuticas, culturais, entre outras. Vale ressaltar que no caminho para o Hospital há uma edificação cultural da cidade, o Centro Cultural Jorge Zanatta, onde, antigamente, funcionavam oficinas e galerias de arte, gerando uma memória sobre Criciúma também com as questões históricas envolvidas na sua construção, que é da década de 40. Hoje sua edificação está desativada devido a um incêndio ocorrido no ano de 2015. Esse edifício cultural tem grande potencial de espaço coletivo, como um equipamento público, e está conectado à Praça.

Figura 8 – Esquema com possíveis conexões entre equipamentos públicos e privados e os espaços públicos existentes



Fonte: Elaborada por Gabriele Obersteiner Scheibler Nunes (2020).

Mesmo que a Praça Nereu Ramos e a Praça do Congresso tenham proximidade física e, de certa forma, funcional por serem espaços públicos, elas não são percebidas pela maioria dos usuários como um espaço conectado. Esses lugares poderiam estar sendo utilizados como tal, fazendo com que um dos acessos principais entre eles se torne também um calçadão. Essa questão necessita de uma análise sobre os fluxos viários para que seja viável o desvio desses automóveis que hoje ocupam essa região com frequência, inclusive para estacionamento, que talvez em menor proporção de acesso de veículos se torne um espaço muito mais entendido como conectado, como proposto na figura 9, trazendo a via do carro com mão única, sem bolsões para estacionamento, o que aumentaria a dimensão das calçadas e também as qualificaria com os elementos citados pelos usuários (mobiliário urbano e vegetação). Ao ser realizada uma maior conexão com os parâmetros físicos, adquire-se, com o tempo, a conexão sensorial das pessoas, as quais acabam transitando por aquele espaço por ele ser convidativo ao pedestre. Importante estimular a criação de espaços ou edifícios-garagem para gerar um número menor de estacionamentos nas vias públicas, aumentando o espaço dos pedestres. Também o uso de um espaço público menos acessado pela população, que é a Praça do Congresso.

Figura 9 – Proposição para melhor entendimento de conexão entre a Praça Nereu Ramos e a Praça do Congresso



Fonte: Nunes (2019, p. 107).

Para tanto, deve ser mantida a mesma linguagem visual que unifique os elementos utilizados, como pergolados, iluminação pública, bancos, lixeiras, para que esses locais e suas conexões possam ser entendidos cada vez mais como espaços em rede, ou seja, como conectados.

Além do tratamento das conexões, também vale ressaltar que a presença do calçadão no centro da cidade, conforme as respostas dos usuários, é um dos elementos mais relevantes na conexão dos espaços. Por isso, cabe observar que um estudo da malha viária somado à criação e à extensão de outros espaços de calçadão auxiliaria nesse entendimento. Como pode ser visto no estudo realizado, há pouco entendimento das pessoas sobre uma conexão entre a Praça Nereu Ramos e a Praça do Congresso. As duas concentram usos totalmente diferenciados. Enquanto a Nereu Ramos é um espaço mais ligado ao comércio, a Praça do Congresso se volta à recreação infantil. Conforme o relato de alguns usuários, a Praça do Congresso é “elitizada”, cercada por uma área nobre, por isso, muitas vezes, as pessoas se sentem inibidas de permanecer no local. O problema é que quanto menor o aproveitamento desse espaço pelos usuários da cidade, mais ele se abre para encontros e situações de marginalização, além de servir como ponto de drogas, causando certo receio à população que frequenta o local. O colégio que se encontra nos arredores da Praça do Congresso poderia participar dessa interligação, visto que muitos alunos utilizam esses caminhos e às vezes até permanecem nesses locais, o que evidencia ainda mais uma necessidade de conexão por causa dessa dinâmica escolar de jovens e crianças.

A partir dessa conexão com a Praça do Congresso, pode surgir também uma possível ligação com a Gruta Nossa Senhora de Lourdes. Como a Catedral São José, que se encontra na Praça Nereu Ramos, um dos destinos muito citado pelos entrevistados como um lugar ao qual gostam de ir, essa gruta poderia estar agregada a esse contexto, fazendo as devidas conexões por meio da qualificação dos caminhos e da informação e popularização desse espaço, o qual é pouco conhecido pela população em geral, mas existe há algumas décadas como um espaço religioso.

A conexão da Praça Nereu Ramos com a área de esportes privada, juntamente com a Praça Domenico Sônego, poderia ser utilizada pela população mais jovem, inclusive das escolas, que pratica exercícios, atividades em grupo e tem disponibilidade para usar esses locais como uma área esportiva pública e também privada. Esse local com potencial esportivo poderia fazer parte dessa rede que envolve a Praça Nereu Ramos por ser uma atividade inexistente nas proximidades, a qual atrai esse público específico, possibilitando a conexão entre esses locais.

O Ciretran, que é um equipamento de um órgão público, não foi citado em nenhum momento pelos usuários entrevistados. Mas avaliando esse espaço, o qual é de domínio público, ele poderia ser utilizado e reavaliado para alguns serviços públicos adicionais, como documentos de identidade e cartórios, trazendo para o local uma identificação clara de serviços públicos, os quais seriam cada vez mais procurados pela população, gerando mais movimento e circulação de pessoas e a sua identificação como uma extensão da Praça.

Com o incentivo de encontros nas ruas, cada vez mais pessoas utilizariam esses espaços, principalmente por se tratar de uma região central com grande oferta de serviços. Dessa forma, com cada vez mais encontros e conversas, as pessoas seriam incentivadas a conversar com desconhecidos de forma espontânea, recuperando a confiança na rua (JACOBS, 1961). Quanto mais uma pessoa convive em determinado espaço, mais ela é incentivada a estar nele, criando também um sentimento de apropriação pelo lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início deste estudo, com anseio de pesquisar sobre os espaços públicos em rede, os pesquisadores se colocaram como um usuário dos espaços da cidade de Criciúma. Essa ambição os fez querer pesquisar todos os espaços dessa cidade devido à relevância do trabalho para o próprio planejamento urbano e para melhorias locais e globais. Ao longo da pesquisa, senti-

ram a necessidade de estudar um espaço que identificasse a maior parte de seus usuários, sendo escolhida, por parâmetros já citados, a Praça Nereu Ramos.

Esse espaço público fez parte de quase toda a vida dos pesquisadores, por transitarem por ele diariamente e residirem próximo desse local. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa e dos levantamentos dos dados em campo, perceberam o quanto esse ambiente não tinha sido efetivamente explorado, visto o fato de alguns de seus espaços aparentarem ter sentido só de passagem. Com essa percepção individual internalizada, viram que aparentemente todos os usuários pesquisados também enxergavam a Praça assim. A pesquisa revelou, durante as entrevistas, que as pessoas desejam aquele espaço público e o quanto elas o percebem.

Surpreendentemente, a experiência de campo deixou os pesquisadores ainda mais próximos do espaço público, pois pesquisas em bibliografias não revelaram tudo o que um trabalho de campo introjeta no pesquisador. As sensações e intuições percebidas no local levaram um dos pesquisadores, que é arquiteto e urbanista, a pensar para além das teorias de planejamento urbano, percebendo muito mais o espaço e as próprias pessoas que nele se encontram, de forma simples, mas ao mesmo tempo complexa e reveladora quando relacionada com autores que tratam sobre o tema.

Ao final da pesquisa, percebeu-se o quanto as pessoas têm se fechado ao longo dos anos em suas casas, pátios privados, *shoppings* e/ou encontros específicos. Isso vem acontecendo cada vez mais e levando os usuários da cidade a criar seus próprios espaços, confinados em suas vidas, que algumas vezes podem caber em uma tela de celular.

Deixar de olhar o outro ou sentir medo de conversar com um desconhecido tem tornado as pessoas mais distantes uma das outras – apesar de, às vezes, geograficamente, elas estarem próximas –, e as cidades se tornado apenas espaços sem significação. Por isso, ressalta-se aqui a importância desta pesquisa sobre espaço público, por meio da qual foram ouvidas pessoas, as suas percepções, os seus anseios, procurando entender a forma como elas

percebem os espaços para que intervenções futuras possam agregar mais qualidade a esses ambientes e a população possa se identificar com eles.

A utilização das ferramentas do planejamento urbano, juntamente com o resultado gerado com a entrevista, pode ser um caminho certo para a criação de espaços públicos de qualidade que cumpram seu papel social, pois ao compreender os usuários é possível fazer com que determinado espaço seja cada vez mais identificado por eles. Além disso, também acabam por qualificar a rua como um espaço público, que tem conexão com esse espaço. Isso foi percebido pelos pesquisadores nas entrevistas quando alguns usuários demonstraram que tinham necessidade de ser ouvidos, de explicar seus anseios sobre o lugar analisado no estudo, o que, de certa, forma deixou os pesquisadores até surpresos.

Ouvir os usuários, atendendo o primeiro objetivo proposto na pesquisa, foi importante para entender como eles percebem o espaço público e as suas conexões com outros lugares. Assim, intervenções futuras poderão acontecer, baseadas no que as pessoas desejam para determinado espaço, e a forma como enxergam as diferentes situações nele presentes pode ser usada a favor da população. Com a extração das falas dos entrevistados, foi possível observar que a percepção deles de espaços conectados se volta para as características físicas, sendo elas descritas na pesquisa das mais variadas formas.

O espaço público pesquisado apareceu, muitas vezes, como um coadjuvante em meio ao caminho do dia a dia ou das funções diárias que realizadas perto dele, sendo pouco apreciado e utilizado por parte dos cidadãos da cidade onde se localiza. Observou-se o comportamento dos usuários em relação ao espaço específico da pesquisa, os quais demonstraram certo receio de estar participando de uma conversa sobre o espaço público. “*Quem quer me ouvir?*”, pareceu que se perguntaram sobre isso. Outros questionaram qual era o real objetivo da pesquisa e demonstraram ficar ressabiados com o resultado gerado por ela.

O medo do desconhecido faz com que, muitas vezes, as pessoas percam a oportunidade de se relacionar, de aumentar a confiança no local e

de permitir-se viver o espaço público. Mesmo os entrevistados permanecendo sentados na praça, a maioria se encontrou conectada com outras pessoas por meio da tela do celular, o que acabou também dificultando o acesso ao outro no espaço público. Dessa forma, com as observações do local, que foi segundo objetivo da pesquisa, observou-se que grande parte dos usuários demonstrou não se apropriar do espaço da praça, sendo que realmente foi raro perceber alguma movimentação ou atividade feita por eles naquele local, o que legitimou esse sentimento. Ressalta-se, assim, o quanto o público entrevistado não relaciona a praça da amostra a um espaço de lazer, mas sim a um lugar que age como consequência do comércio local.

A partir da coleta de dados feita no local, foi possível perceber o que ocorre nas dinâmicas daquele espaço público, aliando a visão dos entrevistados quanto a esse espaço e buscando formar também uma imagem comum de identificação desses usuários. Somado a isso, tem-se o referencial teórico, que auxiliou na compreensão dos itens citados pelos usuários sobre o que foi percebido no local. Esses itens auxiliaram para o melhor entendimento a respeito dos espaços públicos conectados, os quais formam uma rede e auxiliam no acesso a ela. Essa rede, por vezes, é entendida já como um espaço conectado, seja por situações já vividas pelo usuário, seja por seu significado. A qualificação desses espaços, dando-se, é claro, prioridade aos pedestres que os utilizam, forma espaços muito mais acessíveis social e culturalmente, fazendo com que sejam utilizados por mais pessoas e com mais frequência.

Com as análises devidamente organizadas e discutidas, pôde-se perceber maneiras de potencializar o entendimento de rede para o espaço pesquisado, atingindo o terceiro objetivo da pesquisa. Dessa forma, foi possível sugerir intervenções dentro do que já existe e das peculiaridades da área pesquisada, por meio da utilização de espaços vazios públicos e privados, assim como de ruas e calçadas como espaços que conectam diferentes locais para que as pessoas percorram muito mais distâncias a pé. Buscou-se incentivar também, por meio da própria lei da cidade, as áreas que ficam perto da praça utilizada na amostra para potencializar seu uso e dinâmicas diferenciadas que tragam às pessoas ao espaço público em diferentes momentos e horários.

Por fim, a pesquisa buscou fornecer dados para possíveis intervenções na cidade, a partir da visão de quem a utiliza, partindo do local em que as pessoas foram entrevistadas para que se pudesse qualificar o território da cidade como um todo, assim garantindo o acesso ao espaço público a todos os cidadãos para que se sintam pertencentes a esse lugar, tenham responsabilidade mútua sobre o território e relações incentivadas pelos princípios da psicologia ambiental.

As ciências ambientais estimulam a percepção da relação interdependente do ser humano com a natureza, que, neste caso, dá-se no meio ambiente urbano, rompendo determinados paradigmas sobre o planejamento urbano, como um zoneamento conforme o estímulo imobiliário, de um lado, e a desvalorização de determinadas áreas, de outro, que aumentam cada vez mais a desigualdade social, pois há uma relação que vai além de um planejamento o qual descreva o que deve ser feito em determinado local. Que essa ferramenta seja utilizada como uma maneira de ouvir as pessoas e relacioná-las de forma interdisciplinar e interdependente, fazendo com que os profissionais do planejamento estejam qualificados para discutir sobre os elementos de uma cidade saudável.

Almeja-se que esta pesquisa possa contribuir com sua metodologia de coleta e análise de dados sobre a visão de quem utiliza os espaços públicos como um suporte às ferramentas utilizadas para entender os espaços que podem ser reformulados e adicionados no planejamento das cidades. Pretende-se, da mesma forma, que os resultados possam ser aproveitados como forma de intervir nas potencialidades desses espaços.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 240 p.

ANDRADE, Victor; LINKE, Clarisse Cunha (orgs.). **Cidades de Pedestres: a caminhabilidade no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Babilônia Cultural Editorial, 2017.

BALTHAZAR, Luiz Fernando. **Criciúma: Memória e Vida Urbana**. 2001. 277 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82027>. Acesso em: 03 jan. 2019.

CRICIÚMA. Prefeitura Municipal de Criciúma. Lei Complementar nº 095, de 28 de dezembro de 2012. Institui o Plano Diretor Participativo do Município - PDPM de Criciúma, e dá outras providências. **Diário Oficial Eletrônico**. Criciúma, SC, 29 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.criciuma.sc.gov.br/site/files/PDP.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2019.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (orgs.). **Redes, Sociedades e Território**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. 260 p.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 262 p.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 1961. 510 p.

KIM, Heechul; YANG, Seungho. Neighborhood Walking and Social Capital: The Correlation between Walking Experience and Individual Perception of Social Capital. **Sustainability**, v. 9, p. 680, abr. 2017.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 137 p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2017. 198 p.

MONTGOMERY, John. Making a city: urbanity, vitality and urban design. **Journal of Urban Design**, v. 3, n. 1, p. 93-116, 1998.

NIKŠIČ, Mate; WATSON, Georgia Butina. Urban public open space in the mental image of users: the elements connecting urban public open spaces in a spatial network. **Journal of Urban Design**, v. 23, n. 6, p. 858-882, 2018. DOI: 10.1080/13574809.2017.1377066

NUNES, Gabriele Obersteiner Scheibler. **A rede integrada de espaços públicos de Criciúma e suas conexões**. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, SP: Pontes, 2001. 180 p.

PINTO, Ana Júlia; REMESAR, Antoni. Public Space Networks as a Support for Urban Diversity. **Open House International**, v. 37, n. 2, p. 15-22, 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 86 p. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 362 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 190 p.

TARDIN, Raquel. Landscape and Urban Planning: A Systemic Approach. In: AMADO, Miguel. **Urban Planning**: Practices, Challenges and Benefits. [S.l.]: Nova Science Publisher's, Inc., 2014, p. 33-48.

TRUJILLO, Victor. **Pesquisa de mercado qualitativa e quantitativa**. São Paulo: Scortecci, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WHYTE, William Hollingsworth. **The Social Life of Small Urban Spaces**. New York: Project for Public Spaces, 1980.